

DESCOBRINDO PORTUGAL – A ESCOLA NAVAL LUSITANA*

DANIEL DA S. SANTOS PARREIRA

Aspirante

VÍCTOR L. MEIRELLES DE SOUZA

Aspirante

JOSÉ EDUARDO MESQUITA B. FILHO

Aspirante

VICTOR TELES PIMENTA

Aspirante

SUMÁRIO

Introdução

Na outra margem do Tejo – a Escola Naval portuguesa

O congresso Jornadas do Mar – a nova era dos descobrimentos (estrutura)

O congresso Jornadas do Mar (o trabalho)

O congresso Jornadas do Mar (eventos sociais)

Conclusão

INTRODUÇÃO

Este artigo destina-se a passar aos leitores breve experiência vivida pelos autores na Escola Naval de Portugal, em Lisboa. Antes, porém, é mister explicar ao leitor o porquê de nossa viagem a Portugal. Não fizemos um intercâmbio comum com a Escola Naval portuguesa, mas sim uma participação na edição de 2010 das “Jornadas do Mar”, um colóquio bienal que acontece na Escola Naval de Portugal desde 1996 com o propósito de divulgar a temática marítima e naval na

sociedade portuguesa. Estrangeiros também são convidados e, além de um grande número de brasileiros, também tivemos contato com aspirantes franceses e espanhóis, que foram chamados para participar.

NA OUTRA MARGEM DO TEJO – A ESCOLA NAVAL PORTUGUESA

Acompanhados do Capitão de Mar e Guerra (Ref^o-FN) José Gustavo Poppe de Figueiredo, chegamos a Portugal pelo Aeroporto de Lisboa num sábado pela

* Artigo publicado na Revista *Villegagnon* nº 6/2011, p. 50-57.



manhã, dois dias antes do início do evento, e fomos recebidos pelo Cadete Navalhas¹, pelo Capitão de fragata Engels e por um representante do adido naval já no saguão do aeroporto. De lá fomos conduzidos por uma viatura à Escola Naval e à primeira de muitas semelhanças que encontramos ao longo da viagem: tal qual a Base Naval do Rio de Janeiro, que fica na realidade do lado niteroiense da Ponte Rio-Niterói (Ilha de Mocanguê), a Base Naval do Tejo (onde se encontra a Escola Naval portuguesa) fica, na realidade, em Almada, cidade situada na margem oposta do Tejo em relação a Lisboa, do outro lado da bela Ponte 25 de Abril. No caminho descobrimos que o Cadete Navalhas nos acompanharia ao longo de nossa estadia em Portugal, e que ele já havia visitado nossa Escola Naval em 2008,

por ocasião da Regata Escola daquele ano, fato que tornou nosso convívio muito interessante, com maior troca de experiências.

Ao adentrar o portão principal da Escola Naval, vê-se um grande laço que une nossas Marinhas: à direita, o retrato da rainha D. Maria I, portuguesa, e o Alvará de 1782, que criou a Companhia de Guardas-Marinha, origem da Escola Naval do Brasil; já à esquerda, encontramos a figura da rainha D. Maria II, brasileira, e o decreto da criação da atual Escola Naval portuguesa, datado de 1835.

Passado o saguão de entrada, deparamo-nos com algo que é corriqueiro dentro de toda a Escola portuguesa: a exaltação e lembrança dos grandes navegadores portugueses do passado. Naus, caravelas, estátuas, azulejos, tudo remetia a algum feito militar ou náutico referente ao período das Grandes

¹ N.A.: Não existe a denominação aspirante na Marinha portuguesa. Eles são chamados cadetes.

Navegações e ao lema do infante D. Henrique, “*talant de bien faire*”, traduzido para nós pelos cadetes como, aproximadamente, “garantia de fazer bem feito”.

Fomos então credenciados para o evento e levados ao nosso camarote, feito para quatro pessoas, tal qual os de nossa Escola Naval, e bem confortável e com aquecimento a gás, devido ao clima frio do inverno português.

Toda a Escola se dispõe em volta do pátio central, algo como o “pátio interno” do nosso Colégio Naval. Ela é bem menor se comparada à nossa, com aproximadamente 300 cadetes de ambos os sexos (110 do 1º ano, 65 do 2º e pouco menos dos anos seguintes). Em vez de escolher um Corpo ao fim do 2º ano, eles escolhem uma especialização ao fim do 1º ano. Elas são as seguintes: Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Marinha (especializado na parte náutica, sendo por excelência o oficial de serviço no passado), Fuzileiros Navais ou Administração Naval (o equivalente à nossa Intendência).

Há algumas semelhanças na rotina, como o fato de que os primeiranistas têm de se deslocar em acelerado e, embora não tenhamos sido capazes de acompanhar mais de perto a rotina dos cadetes, fomos informados de que esta é bastante próxima à nossa: aulas pela manhã, educação física à tarde, tempo livre à noite (exceto para o 1º ano, que deve ficar em estudo obrigatório). O ano com maior índice de reprovações é justamente o 1º, sendo Cálculo a matéria mais temida pelos cadetes lusitanos. Na parte física, também são encontradas muitas semelhanças, sendo, por exemplo, o teste de corrida o mais temido, não pelo seu alto nível de reprovação, mas por ser o mais exaustivo.

Entretanto, as semelhanças quanto a procedimentos e rotinas cessam por aí: todo o Corpo de Cadetes é licenciado na quinta-feira à noite para regressar na sexta, e a cada ano que se avança se ganha mais uma dessas licenças semanais. Assim, o 4º ano pode ir para casa virtualmente todo dia! A tabela de

serviço é muito pequena, composta apenas de um cadete de cada ano por dia, sendo o serviço equivalente ao de ajudante do oficial de serviço na sala de estado, com a escala corrida e todos os cadetes concorrendo à mesma. Assim, eles dão apenas três ou quatro serviços ao longo do ano inteiro.

Além disso, não há período de adaptação para o 1º ano. O ano inteiro é considerado como tal. O comodoro (equivalente ao nosso aspirante encarregado da adaptação) apresenta ao comandante do Corpo de Cadetes uma lista semanal das atividades de adestramento para aprovação, que costumam ir desde instruções de tiro e de ordem unida ocorridas de madrugada à natação utilitária (inclusive no gelado inverno). Todas as atividades permitidas, das mais leves às mais severas, são listadas em um documento específico redigido pela alta administração naval portuguesa. Outra diferença é que os cadetes portugueses só estão autorizados a pedir seu desligamento (processo de baixa) até o fim do 1º ano.

O rancho deles também segue procedimentos um pouco distintos dos nossos. Não há cadetes-rancheiros, sendo o serviço efetuado e coordenado inteiramente pelas praças. Todos esperam a entrada dos oficiais para começar a refeição, tal como nós, mas não há formaturas para tal nem qualquer procedimento para ausentar-se do recinto, exceto uma continência junto à porta. O espaço do rancho é também, ao mesmo tempo, salão de jogos, bar, praça-d’armas e charutaria, sendo todos esses ambientes divididos entre si nos dois andares do prédio.

Há um distanciamento maior entre o 1º e o 4º ano de lá do que se observa aqui, pouco menos rígido do que o que observamos durante o nosso período de adaptação.

A Viagem de Instrução de Guardas-Marinha deles é bem menor em número de portos e em tempo de duração (dois a três meses) e é feita no Navio-Escola *Sagres* (o nosso antigo

Guanabara, comprado em 1961 da Marinha do Brasil), ao fim do 2º ano escolar.

Notamos um elevado nível de motivação e de patriotismo entre eles e grandes preocupações quanto a possíveis cortes de orçamento e a possível saída da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), ideais crescentes no meio civil português.

Existe um número considerável de cadetes de países lusófonos cursando na Escola Naval portuguesa, como de Moçambique, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

Por fim, mais uma curiosidade: eles não possuem espadim! O uso deste acessório foi extinto há algumas décadas por lá, muito a contragosto dos cadetes.

O CONGRESSO JORNADAS DO MAR – A NOVA ERA DOS DESCOBRIMENTOS (ESTRUTURA)

Durante os cinco dias do evento, tivemos apresentações sobre os mais variados temas: da influência do mar na literatura portuguesa, passando pela integração do mundo lusófono, até a guerra cibernética.

Tivemos até uma explicação sobre o submarino nuclear brasileiro, dada por uma estudante brasileira da Universidade Paulista (Unip), com apoio da Empresa Gerencial de Projetos Navais (Emgepron) e do Centro Tecnológico da Marinha em São Paulo.

Pode-se dizer que o colóquio foi extremamente variado em relação à temática. Tínhamos temas relacionados a geopolítica, estratégia, história, engenharia, física e até biologia marinha (o acompanhamento das populações de uma espécie de peixe nativa do Mar Mediterrâneo). As apresentações aconteciam em dois períodos, de manhã e à tarde, em três auditórios diferentes, e tinham suas seções presididas por oficiais ou professores da área, os quais sempre faziam considerações ao final das apresentações e iniciavam a sessão de debates.

O interesse dos portugueses quanto aos trabalhos na área de estratégia era enorme, em especial dos oficiais da Escola. Fomos muito questionados sobre os rumos que o Brasil pretendia tomar com o reaparelhamento de suas Forças Armadas e com a descoberta do pré-sal. Era notável o brilho em seus olhares



Nossa delegação, com o Comandante (Ref^o-FN) Gustavo ao centro, junto ao almirante comandante da Escola Naval portuguesa, à direita, e o almirante diretor do colóquio Jornadas do Mar, à esquerda.

ao examinarem nossos mapas e gráficos descrevendo as variadas riquezas brasileiras.

Pudemos notar que os lusitanos dão uma importância extrema aos planos de extensão de sua Zona Econômica Exclusiva, que, se realmente aprovada pela Organização das Nações Unidas, garantirá a eles um “território marítimo” quase três vezes maior que sua área continental.

Como iniciativas internacionais, além da participação em manobras militares da Otan, os portugueses dão um valor imenso à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, vendo-a como uma iniciativa nacional de grande relevância internacional e como de grande valia no quesito ligação entre a Europa e o restante do mundo. Em quase todos os debates dos quais tomamos parte, ouvimos menções a ambas as organizações como sendo essenciais para o país.

O CONGRESSO JORNADAS DO MAR (O TRABALHO)

Estávamos inseridos na categoria Relações Internacionais em nível de graduação (1^o escallão), uma das seis disponíveis. Os colóquios deveriam constar de três partes: resumo do trabalho, o trabalho e sua apresentação. O congresso também contava com uma premiação para o melhor trabalho de cada categoria.

Tivemos aproximadamente três meses para confeccionar o trabalho, que, obviamente, não poderia deixar de explorar as vastas potencialidades de nosso país. O mesmo encontra-se em forma de artigo nesta edição da revista². Ao redigirmos o trabalho, nos deparamos com a grande dificuldade de explicar de maneira compacta e coesa um tema calcado na política nacional para um público que, apesar de ter predominantemente o mesmo idioma, é estrangeiro.



Fragata *Bartolomeu Dias*

2 N.R.: Revista de Villegagnon (revista acadêmica da Escola Naval), nº 6/2011.

A apresentação ocorreu na manhã de quarta-feira e durou 25 minutos. Tivemos que ser bastante concisos, mas, felizmente, o tempo foi suficiente. Na sessão de perguntas, após a apresentação, tivemos a grata surpresa de saber que o nosso trabalho foi o que mais despertou interesse dos espectadores, sendo a fase de debates muito profícua, tanto para nós quanto para os presentes, tendo sido apenas interrompida para a ida ao almoço. Ao final, recebemos cumprimentos das autoridades e das outras pessoas presentes. Fomos acompanhados na mesa de debates pelos demais palestrantes da manhã, oriundos de uma faculdade portuguesa e do King's College de Londres, que tinham apresentado trabalhos de teor semelhante, tratando de geopolítica portuguesa. Ao final de nossa participação no evento, fomos premiados como o melhor trabalho em nossa categoria, que era também a mais concorrida. Ao constatar o elevado grau técnico de nossos concorrentes, os quais prestigiamos em suas apresentações, ficamos orgulhosos de ter bem representado a Marinha do Brasil.

O CONGRESSO JORNADAS DO MAR (EVENTOS SOCIAIS)

Além das atividades acadêmicas, tivemos também uma série de eventos culturais ao longo da semana para os participantes. A sessão de abertura das Jornadas também foi a Abertura do Ano Letivo de 2010-11 da Escola Naval (ainda que fosse novembro e as aulas tivessem começado em setembro, os portugueses sempre buscam utilizar as Jornadas para iniciar o ano oficialmente, prova da grande importância que atribuem a esse evento), com a participação de um representante do Ministério da Defesa português e do chefe do Estado-Maior da Armada (maior autoridade naval do país). Logo após, tivemos a apresentação das “Tu-

nas Acadêmicas”, espécie de grupo teatral tradicional nas universidades portuguesas.

Também tivemos a oportunidade de visitar a Fragata *Bartolomeu Dias* e verificar quão modernas são nossas próprias fragatas classe *Niterói* pós-Modfrag, que nada deixam a desejar a suas congêneres portuguesas. Notável mencionar a pequena distância entre a Escola Naval, a base de abastecimento da Marinha, a sede da Esquadra e o Grupamento de Fuzileiros Navais portugueses: todas essas Organizações Militares estão no mesmo complexo, a Base Naval de Almada, a uma distância de minutos entre si.

No mesmo dia, à noite, fomos a um jantar formal no Clube Naval português (no qual a participação é restrita apenas a oficiais oriundos da Escola Naval), localizado no centro de Lisboa, onde começamos a ter maior contato com os aspirantes/cadetes de outras nacionalidades (dois da França e dois da Espanha).

Muito aprendemos com ambos os pares: com os espanhóis, sobre a cultura e suas visões em relação às sérias questões internas de seu país e ao mundo. Já com os franceses, descobrimos fatos curiosos em sua rotina, que é radicalmente diferente da nossa: não há nenhum tipo de norma quanto à arrumação dos camarotes nem inspeção dos mesmos, ganha-se a estabilidade empregatícia já como aspirante, há várias atividades operativas durante as madrugadas e os finais de semana e, por fim, pode-se dormir durante as aulas, algo que causou muita estranheza a nós e aos portugueses.

No dia seguinte, tivemos a oportunidade de assistir à Banda da Armada, versão portuguesa da nossa Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais, em conjunto com o Corpo de Cadetes.

Pudemos também visitar o Corpo de Fuzileiros Navais local, onde vimos alguns materiais que eles utilizam e uma apresentação de uma manobra de *fast rope*, que

consiste em um desembarque rápido de um helicóptero, por um cabo, sem peação.

Participamos também, por fim, de outro jantar formal, desta vez na residência oficial do ministro de Estado da Defesa, o magnífico Forte de São Julião da Barra, onde assistimos à apresentação de várias músicas tradicionais portuguesas, em especial do fado. Esse jantar foi o desfecho formal do colóquio.

Nos dias finais do evento, entregamos as lembranças que levamos do Comando da Escola Naval às autoridades estrangeiras presentes, o que gerou grande e agradável surpresa entre os oficiais estrangeiros, que não esperavam tal iniciativa.

Após a conclusão do evento, antes de retornarmos ao Brasil, tivemos a oportunidade de comparecer a um baile da Escola Naval portuguesa, que comemorava o encerramento do colóquio e a iniciação do 1º ano do Corpo de Cadetes. Estiveram

presentes vários participantes das Jornadas do Mar e membros da sociedade local. Além de podermos estreitar ainda mais os laços de amizade com nossos amigos portugueses, observamos como os jovens de lá se divertem e as diferenças entre nossas culturas.

CONCLUSÃO

Com o fim do evento e a sensação do dever cumprido de representar nosso país, nos despedimos de nossos anfitriões europeus e embarcamos de volta para o Aeroporto do Galeão com a certeza das imensas semelhanças entre nossos países e nossas Marinhas, seja nas tradições do passado, nas atitudes do presente ou no projeto para o futuro. Que os laços que unem Brasil e Portugal continuem firmes e perenes, especialmente pelo meio que os ligou no início de nossa história: o mar.

 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<EDUCAÇÃO>; Escola Naval; Marinha de Portugal; Congresso;